

## **MACEIÓ PELAS MULHERES:**

### **Apropriação feminina dos espaços públicos da capital alagoana no século XXI**

### **MACEIÓ FOR WOMEN**

### ***Feminine appropriation of public spaces in the capital of Alagoas in the 21st Century***

**A. Amanda B.C.B. Magalhães & B. Dayanna K.S. Barbosa & C.  
Clarissa H. Novaes & D. Flavia S. Araújo**

*Faculdade de Arquitetura e Urbanismo; Universidade Federal de Alagoas, Brasil*

[castelob.arq@gmail.com](mailto:castelob.arq@gmail.com)

[dayklecia@gmail.com](mailto:dayklecia@gmail.com)

[c.holanda.nov@gmail.com](mailto:c.holanda.nov@gmail.com)

[flavia.araujo@fau.ufal.br](mailto:flavia.araujo@fau.ufal.br)

## **RESUMO**

Diante do cenário estabelecido pelos pilares do neocolonialismo e patriarcalismo na sociedade brasileira, este trabalho consiste em contribuir com o debate acerca da produção, ocupação e reivindicação dos espaços públicos pelas mulheres nas cidades brasileiras, tratando, particularmente, de espaços livres públicos dos bairros Pajuçara, Ponta Verde, Jatiúca e Mangabeiras, pertencentes à cidade de Maceió-AL, nordeste brasileiro. Diante das consequências de uma sociedade calcada em uma estrutura machista e patriarcal, busca-se compreender como se dá a inequidade de gênero nos diferentes meios de ocupar o espaço e a esfera pública da cidade; como as mulheres reivindicam o direito à cidade e, por fim, como têm participado das decisões sobre o território. Parte-se, então, do pressuposto de que tratar das desigualdades de gênero no território extrapola traçar princípios e diretrizes ou determinar a localização de equipamentos, pois significa também entender a percepção e apropriação diferenciada das mulheres sobre o espaço. É, portanto, relevante conhecer a dimensão e o impacto da presença feminina no processo de urbanização da cidade do século XXI.

**Palavras-chave:** gênero e cidade, planejamento urbano, feminismo.

**Linha de investigação:** Dinâmicas Urbanas.

**Tópico:** Gênero e cidade.

## **ABSTRACT**

With the perspective established by the pillars of neocolonialism and patriarchy in Brazilian society, this article consists of contributing to the debate about the production, occupation and claim of public spaces by women in

Brazilian cities, dealing, in particular, with public spaces in Pajuçara, Ponta Verde, Jatiúca and Mangabeiras, neighborhoods belonging to the city of Maceió-AL, northeastern Brazil. In view of the consequences of a society based on a sexist and patriarchal structure, we seek to understand how gender inequality occurs in the different means of occupying the space and the public sphere of the city; how women claim the right to the city and; Lastly, how they have participated in decisions about the territorial planning. It is based on the assumption that dealing with gender inequalities in the territory goes beyond tracing principles and guidelines or determining the location of equipment, as it also means understanding women's differentiated perception and appropriation of space. It is, therefore, relevant to know the dimension and impact of the female presence in the urbanization process of the 21st century city.

**Keywords:** gender, public space, urban planning, right to the city

**Research line:** Urban Dynamics.

**Topic:** Gender and city.

## 1. Introdução

Desde o início do processo de urbanização das cidades, já na antiguidade, identifica-se a obliteração da mulher na ocupação dos espaços públicos. No berço da civilização ocidental, o papel feminino estava sempre associado ao ambiente privado e doméstico (Rodrigues, 2017). Nos modelos de urbanização romano e grego, os espaços públicos constituíram-se projetados pelo e para os homens, além de traçar na sociedade papéis definidos entre os gêneros: ao homem, a responsabilidade do sustento da família (negócios) e do engajamento político, às mulheres, a reprodução da força de trabalho e, portanto, a permanência doméstica, os cuidados do lar e de familiares (Federici, 2018). Atualmente, essa marginalização e invisibilidade das mulheres no direito à cidade é visível e bastante enraizada na sociedade ocidental: violências, segregações e opressões de gênero limitam e cerceiam os corpos femininos (cis/transgênero) e o modo como ocupam a esfera pública; ou melhor, o modo como (não) ocupam os espaços públicos, de poder e decisão sobre a cidade. Devido a essas distinções de gênero na experiência e utilização da cidade, as mulheres têm reivindicado atendimento às suas necessidades cotidianas e específicas no usufruto da cidade.

Considerar a esfera pública por uma perspectiva de gênero é, ainda, um caminho exigente e laborioso. A invisibilidade sobre a temática, dentro e fora da academia, retrata a inequidade de gênero do planejamento urbano contemporâneo: a cidade neoliberal e racionalista, que padroniza os corpos, não considera plenamente as especificidades das mulheres, como elas qualificam e se apropriam dos espaços públicos e, por isso, se geram condicionantes de configuração e desenho urbano desfavoráveis para mulheres no que se refere ao deslocamento, vivência e acessos aos espaços, equipamentos e serviços públicos. Segundo Mildred Warner (2016), a construção de um espaço público confortável pela maioria das pessoas passa pela pergunta: “uma mulher se sentiria segura andando aqui à noite?”, transformando-as assim em indicadores de segurança e outras prioridades em planejamento (Warner, 2016 apud Rodrigues, 2017: 6).

Este texto aborda, particularmente, as desigualdades de gênero na concepção e apropriação dos espaços públicos, tendo como estudo de caso os bairros nobres de Maceió-Alagoas, capital situada no litoral do nordeste brasileiro. Parte-se da compreensão que as formas de apropriação dos espaços de uso público e coletivo são indicativas da contemporaneidade e da adequação, ou não, dos espaços existentes às relações sociais que configuram e reproduzem o tecido social. Interessa, portanto, apontar como as mulheres têm participado das decisões sobre o território da cidade; avanços e desafios na apropriação do espaço e esfera

pública; e como reivindicam o direito à cidade no início do século XXI; período cujas novas oportunidades de natureza estrutural (material e cultural) ampliaram as alternativas de escolhas para as mulheres (em relação ao acesso ao ensino superior, mercado de trabalho, cargos de gestão pública etc.) e marcaram intensas transformações na vida privada e pública da população brasileira (Oliveira et all, 2015).

## 2. Metodologia

Esta pesquisa foi delineada por uma visão empírica local e setORIZADA no âmbito da Arquitetura e Urbanismo; teve início com a construção da fundamentação teórica, cujo referencial é predominantemente do campo da Antropologia e das Ciências Sociais. Em seguida, conceberam-se três frentes de investigação, cujos procedimentos técnicos foram realizados simultaneamente e definidos por meio três eixos temáticos, a saber: 1. Ocupação; 2. Manifestação; 3. Planejamento. A partir do cruzamento das informações obtidas, delineou-se um panorama das desigualdades de gênero nos espaços livres públicos de áreas nobres em Maceió, considerando o recorte de quatro bairros na Planície Litorânea Central da cidade: Pajuçara, Ponta Verde, Jatiúca e Mangabeiras (Fig. 01).

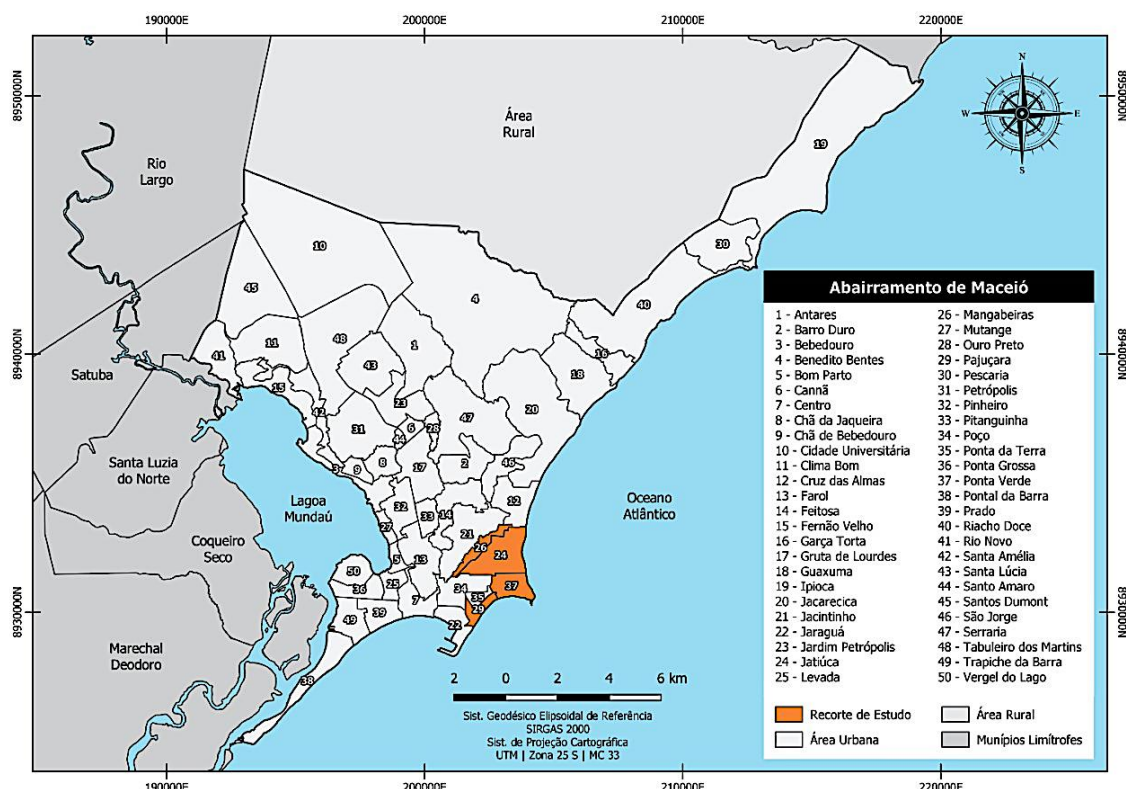


Fig. 01 Demarcação do recorte de estudo. Fonte: (MEP, 2018).

Cabe especificar as etapas e métodos utilizados em cada eixo temático, conforme Quadro 01 a seguir:

EIXO TEMÁTICO	PROCEDIMENTOS TÉCNICOS
<p><b>1. OCUPAÇÃO</b></p>	<p>i. Identificação de todos os espaços livres públicos de lazer da Planície Litorânea Central com título de praça, corredor e/ou parque;                      ii. Criação e abastecimento de banco de dados no <i>software</i> de mapeamento Google Earth (2018);                      iii. Seleção de localidades dentro do recorte com maior visibilidade e impacto para a cidade;                      iv. Observação <i>in loco</i>, registros textuais e fotográficos com enfoque nos modos de apropriação e ocupação dos espaços e equipamentos de lazer pelas mulheres;                      v. Sistematização, cruzamento e análise dos dados obtidos.</p>
<p><b>2. MANIFESTAÇÃO</b></p>	<p>i. Levantamento dos grupos feministas atuantes na cidade (em atividade ou não);                      ii. Investigação do tipo de atividades desenvolvidas por cada grupo, bem como suas temáticas, datas de fundação e localidades (organizada e elaborada em tabelas);                      iii. Levantamento fotográfico e cartografia das ocupações e manifestações femininas no cenário urbano;                      iv. Discussões e sistematizações dos dados encontrados.</p>
<p><b>3. PLANEJAMENTO</b></p>	<p>i. Consultas a documentos de audiências públicas municipais relacionados às instâncias deliberativas e sobre o parcelamento do solo na cidade de Maceió – a exemplo do Plano Diretor e do Plano Local de Habitação de Interesse Social.                      ii. Levantamento do quantitativo de representação feminina, bem como avaliação dos cargos de atuação nos órgãos envolvidos em projetos de urbanismo restritos ao parcelamento do solo;                      iii. entrevistas com mulheres protagonistas no planejamento e desenho da cidade.</p>

Quadro 01. Descrição de Procedimentos Técnicos por Eixo Temático da Pesquisa. Fonte: (MEP, 2018).

### 3. Resultados e Discussões

Ao longo das últimas cinco décadas, assim como as demais cidades brasileiras, Maceió apresentou um vertiginoso crescimento populacional e de seu tecido urbano (de 170.134 habitantes em 1960, a 1.021.709 de habitantes em 2016, de acordo com o IBGE, 2010; 2016), que impulsionou, também, uma crescente demanda por habitação e consequente expansão e parcelamento legal ou ilegal do solo urbano. Vale destacar que Maceió é um dos destinos de férias mais procurados entre as capitais brasileiras, devido o potencial turístico de seu meio físico-ambiental do litoral. Características naturais e geomorfológicas, que dividem a cidade entre parte baixa (planície litorânea costeira e lagunar) e parte alta (planalto, platô ou tabuleiro), cuja ocupação territorial foi marcada também por contrastes sociais e consequente disparidades na provisão de infraestrutura urbana, serviços e equipamentos. A “parte baixa”, composta pela planície costeira e margeada pela Orla Marítima, apresenta a maior parcela da cidade provida de infraestrutura, equipamentos e serviços públicos e privados, além de concentrar a renda per capita mais elevada de toda a cidade. Já a “parte alta” e a planície

lagunar são menos providas de investimentos públicos e privados e deficientes quanto à infraestrutura básica (ibidem).

O recorte investigado localiza-se na “parte baixa”, litoral da cidade, caracterizado pela maior provisão de infraestrutura e serviços urbanos. Apresenta uma paisagem marcada pela concentração de uso do solo para funções comerciais, edificações cujo gabarito varia de 5 a 20 pavimentos, via de grande fluxo de diferentes modais, equipamentos públicos de lazer e, principalmente, uma população com grande poder aquisitivo. As pessoas que ali residem possuem renda média de 3 a 7 salários mínimos; na Ponta Verde a renda média é de 7 salários mínimos (IBGE, 2010). É a área que recebe maior atenção midiática e de qualidade e manutenção de infraestrutura e equipamentos urbanos. Principalmente bairros limítrofes à orla marítima, cujos principais espaços livres públicos de lazer (como o calçadão da praia e as praças) são alvo recorrente de investimentos de infraestrutura, pois integram o circuito turístico da cidade e são os principais destinos de lazer da população maceioense. Devido à grande visibilidade, esses espaços têm sido palco de eventos e manifestações culturais e políticas, a exemplo das reivindicações das mulheres pelo direito à cidade. Para esta pesquisa, selecionou-se como estudo de caso dois locais de significativa visibilidade: o Calçadão da Orla Marítima (Pajuçara, Ponta Verde, Jatiúca) e a Praça do Skate (Ponta Verde).

Cabe destacar que Maceió é composta por aproximadamente 60.000 mulheres a mais do que homens, em um total de 436.405 homens para 496.203 mulheres (IBGE, 2010). No recorte espacial analisado, essa proporção entre gêneros foi semelhante.

Partindo-se do entendimento que a cidade reflete as desigualdades sociais em seus territórios, e suas paisagens evidenciam diversas dinâmicas sociais enraizadas nessas mesmas desigualdades, o recorte espacial da pesquisa de campo enfocou os bairros nobres de Maceió, justamente por concentrarem os equipamentos públicos de lazer mais significativos da cidade (como suas principais praças e o calçadão da orla marítima) e, por isso, abarcarem um público mais diversificado, com fluxos de pessoas oriundas de diferentes bairros e municípios de sua região metropolitana. Apesar disso, ressalta-se que os resultados apresentados retratam, principalmente, as dinâmicas de mulheres cisgênero, moradoras da área nobre e frequentadoras de seus espaços livres públicos de lazer.

### **3.1. Ocupação: desigualdades de gênero e apropriação dos espaços livres públicos de lazer em bairros nobres de Maceió**

O advento das mídias sociais explicitou as recorrentes denúncias e reclamações de mulheres sobre os impasses e perigos de transitar/ocupar os espaços públicos nas cidades brasileiras. O planejamento urbano hegemônico contemporâneo impõe um modo de viver urbano e tende a homogeneizar os corpos, cujo homem cisgênero, branco e heterossexual é o único modelo possível de projeção, excluindo a diversidade social. O espaço público não é concebido para diferentes corpos e suas respectivas percepções e experiências reais (Saraiva, 2017: 5) e a

distinção das esferas públicas e privadas “sexuou” a cidade, gerando uma dominação masculina. Os estudiosos tiveram dificuldade em reconhecer a existência dessa dominação, o que resultou na invisibilização das mulheres na multidão que compõe o espaço urbano. (Calió, s.n.t.: 4). (...) O não reconhecimento da cidade sexista impede que os estudiosos urbanos reconheçam nela as mulheres, bem como a segregação sofrida através da ideologia patriarcal que é refletida na cidade (Saraiva, 2017: 6).

Segundo o Mapa da Violência no Brasil (Waiselfisz, 2015 apud Lima, 2018), Maceió é a segunda capital mais violenta para mulheres. Nesse cenário, sobre a configuração dos casos de feminicídio na cidade, entre os anos de 2012 e 2013, grande parte dos crimes (65,5%) ocorreram nos espaços públicos (Lima, 2018).

No calçadão da Orla Marítima de Maceió, a apropriação feminina dos espaços e equipamentos públicos foi percebida a partir de observação e quantificação *in loco* do perfil dos(as) usuários(as) dos equipamentos de lazer no trecho entre Pajuçara e Jatiúca. Durante 3 meses, em diferentes turnos e dias da semana, foi possível perceber a predominância de usuários do sexo masculino. Apenas uma vez se encontrou um equipamento de lazer com ocupação 100% feminina: a quadra de futebol e vôlei da praia da Pajuçara. Bastante ocupada por uma população 100% masculina entre torcedores e jogadores, em uma manhã de dia útil esta quadra foi utilizada por um grupo de jovens mulheres, acompanhadas de alguns rapazes, aparentemente amigos e/ou companheiros, que pareciam estar lá para garantir-lhes a segurança e integridade de seus corpos. Outra ocupação 100% feminina observada no trecho, tão atípica quanto o caso da quadra de vôlei, foi a ocupação da quadra de tênis por uma idosa que treinava sozinha. Destaca-se que esta quadra é um dos equipamentos menos utilizados pela população, apesar da manutenção constante. Nas poucas vezes em que se observou jogos de tênis ali, duplas masculinas de adultos de meia-idade disputavam entre si, acompanhados de plateias 100% masculinas. Ainda na Pajuçara, a Praça Multieventos, configurada para esportes radicais (skate e bicicleta), também é pouco utilizada por mulheres: somente duas vezes notou-se algumas garotas, também acompanhadas por rapazes.

Por outro lado, na Ponta Verde e Jatiúca, observou-se a constância de um terço de ocupação feminina nas quadras de *beach tennis* e vôlei. Por fim, no caso das academias ao ar livre, distribuídas ao longo do Calçadão, é possível afirmar que estas encontram-se pouco utilizadas ao longo do dia e, quando são, o uso também é majoritariamente masculino.

Na Praça do Skate (Ponta Verde), reformada em 2018, observou-se uma tendência de eventuais ocupações femininas e feministas. A praça vem sendo utilizada para eventos da iniciativa privada, como o caso da Feirinha Cool (2019), que atrai pessoas interessadas na produção econômica local e em atividades de lazer. Nesses eventos e em dias usuais, notou-se que grande parte das mulheres adultas ali presentes exerciam tarefas reprodutivas ligadas ao cuidado de crianças, animais e idosos(as) (Fig.02) ocupando majoritariamente os espaços contemplativos e/ou *playgrounds*. Apesar da praça contar com uma pista de skate, duas quadras poliesportivas e uma academia ao ar livre, a ocupação desses equipamentos por mulheres é rara ou inexistente (Fig. 03), e o uso masculino, ao contrário, é predominante nos três turnos do dia e abrange uma ampla faixa etária (7 a 30 anos), todos os dias da semana.



Fig. 02 Mulher na Feirinha Cool acompanhando e cuidado de uma criança. Fonte: (RODRIGUES, 2019).



Fig.03 Quadra Poliesportiva com uso 100% masculino na Praça do Skate. Fonte: (PALMEIRA, 2019).

Acerca da reivindicação do uso pleno do espaço público e da ocupação feminina nos equipamentos da Praça do Skate, vale apontar a ação do coletivo feminista local Ateliê Ambrosina que, ainda durante a reforma, pichou na pista de skate mensagens feministas, gerando polêmicas no cenário masculino do skate, poder público, mídias e redes sociais. Ressalta-se que pichações e grafites fazem parte da cena urbana do skate e muitas são feitas sem o consentimento do poder público. Entretanto, enquanto a maioria do público masculino julgou esta manifestação como “vandalismo”, a intervenção foi bem recebida pelo público feminino, que reforçou as mensagens grafadas na praça pelo Coletivo, repercutindo a *hashtag* #EssePixoÉmeu nas redes sociais. Segundo entrevistas realizadas com mulheres na Praça do Skate e no Calçadão, a preocupação quanto a assédios e/ou violação do corpo é constante. Apesar de serem aquelas que mais se deslocam via mobilidade ativa pela cidade, a permanência e ocupação nos espaços livres públicos estão diretamente relacionadas às configurações espaciais que criam condições de segurança para si e para atividades de cuidado de familiares (crianças e idosos).

### **3.2. Manifestação: as reivindicações feministas pelo direito à cidade**

Pensar cidades democráticas é compreendê-las sob uma perspectiva interseccional (Akotirene, 2018); assim, é inegável a relevância da atuação de grupos feministas que, ao reivindicar os direitos das mulheres no meio urbano, corroboram para a construção de cidades mais justas e igualitárias por meio de estímulos à vivência e diversidade urbanas. A visibilidade e o reconhecimento desses grupos, muitas vezes não institucionalizados, colaboram para potencializar e apresentar à Academia o trabalho de mulheres que atuam à sua margem e que estão verdadeiramente na urbanidade, atuando na formação cidadã e na luta pela equidade de gênero nos mais variados espaços, especialmente nos públicos. É importante reconhecer que os saberes, conhecimentos e trocas desses ocorrem de diferentes formas no espaço heterogêneo e conflituoso que é a cidade contemporânea. Apesar do peso da invisibilidade, as mulheres se mostraram criativas e atuantes na utilização e ocupação das ruas e de outros espaços públicos, como palco da luta feminista na cidade de Maceió desde rodas de conversas, arte urbana, ações de panfletagens, exposições fotográficas, performances até manifestações de magnitude nacional.

#### *3.2.1 O levantamento de grupos feministas atuantes na cidade de Maceió*

Foram realizados levantamentos de órgãos públicos, organizações não governamentais e diversos coletivos que surgem na cidade de Maceió para reivindicar direitos, ocupar espaços e repensar a condição da mulher na contemporaneidade. Desse modo, foram identificadas 20 organizações, conforme Quadro 2.



LEVANTAMENTO E CARACTERIZAÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES FEMINISTAS ATUANTES NA CIDADE DE MACEIÓ			
GRUPO	SITUAÇÃO	ATIVIDADES	LOCALIZAÇÃO
Ateliê Ambrosina	Em atividade	serviços destinados à mulheres, rodas de conversa, marchas, atividades culturais	Sem sede
Dandara - Movimento de Lésbicas e Negras de Alagoas	inativo	marchas, encontros, atividades culturais	Sede não identificada
Movimento Mulheres em Luta - Alagoas	inativo	rodas de conversa, marchas, notas de repúdio, panfletagem	Sede não identificada
Movimento de Mulheres Camponesas - Alagoas	Em atividade	marchas contra reforma da previdência, violência contra mulher e fortalecimento da agroecologia	Sede não identificada
Instituto Feminista Jarede Viana	Em atividade	projetos sociais, promoção de eventos e cartilhas educativas	Avenida Tancredo Neves, 1664 - Cidade Universitária
Movimento de Mulheres Olga Benário - Alagoas	Em atividade	panfletagem, rodas de conversa, eventos	Sede não identificada
Centro de Defesa dos Direitos da Mulher (Escritório da Mulher)	Em atividade	Assessoria jurídica especializada para atender exclusivamente mulheres.	Rua Engenheiro Roberto Gonçalves Menezes, nº 53, Centro - Centro Empresarial Office Plaza, sala: 02
Marcha Mundial das Mulheres de Alagoas	Em atividade	marchas, encontros e rodas de conversa	Sede não identificada
Flores da Lua	não identificado	Religiosa	Sede não identificada
Luludi-Círculo Sagrado Feminino	Em atividade	Religiosa	Sala Antonio Piranema, Bloco de enfermagem - UFAL. Maceió - AL
Sagrado Natural	não identificado	Religiosa	Pajuçara
Coletivo Feminista Classista Ana Montenegro - Alagoas	Em atividade	uma das frentes do PCB, promove marchas e rodas de conversa	Sede não identificada
Grupo de Pesquisa FRIDA KAHLO	não identificado	grupo de estudos, promoção de eventos e discussões	Cidade Universitária
TamoJuntas	Em atividade	assessoria multidisciplinar (jurídica, psicológica, social e pedagógica) gratuita para mulheres em situação de violência	Sede em Salvador-BA, atende em várias cidades brasileiras, inclusive em Maceió
Mulheres unidas contra Bolsonaro	Em atividade	marcha contra o fascismo, manifestações artísticas	Diversas cidades brasileiras, inclusive Maceió
Conselho Estadual dos Direitos da Mulher de Alagoas - CEDIM	Em atividade	órgão público	Rua Augusto Cardoso, S/Nº, Jatiúca
Rede de Mulheres Negras - AL	Em atividade	rodas de conversa, marchas, representação em eventos	Sem sede
ONU Mulheres	Em atividade	oficinas, pesquisas	Sede não identificada
Mães pela diversidade	Em atividade	rodas de conversa e encontros	Sede não identificada
Coletivo Praia Feminina	Em atividade	encontros	Sem sede
Severinas Mcz	Em atividade	performances e outras manifestações artísticas	Sem sede
Tropikálias Crew	Em atividade	encontros	Sem sede

Quadro 2 Levantamento e caracterização das organizações feministas atuantes na cidade de Maceió/AL. Fonte: (Dados da Pesquisa, 2018).

Chamam a atenção as diferentes vertentes e problemáticas abrangidas pelas organizações feministas. Akotirene (2018) trata do conceito de Interseccionalidade<sup>1</sup>, inerente à questão da mulher negra, como um “sistema de opressão interligado”. A autora apresenta, então, a necessidade de uma sensibilidade analítica para identificar relações de poder e opressões múltiplas e distintas. Nesse sentido, os coletivos feministas identificados buscam atender, quase sempre, às diferentes demandas sob a ótica interseccional como, por exemplo, o Dandara - Movimento de Lésbicas e Negras de Alagoas, o Movimento de Mulheres Camponesas - Alagoas, o Instituto Feminista Jarede Viana - com vistas ao feminismo negro – ou, ainda, a Rede de Mulheres Negras/AL, todos com as facetas e especificidades que lhes são cabíveis.

<sup>1</sup> Akotirene trata do conceito de interseccionalidade como uma encruzilhada de características identitárias, bem como a raça, o gênero e a classe.

### 3.2.2 A representatividade feminina nos espaços públicos

Em 2017, nasce o já mencionado coletivo Ateliê Ambrosina, sob a motivação de criar um espaço legítimo para que se começasse a pensar pautas acerca dos direitos da visibilidade feminina, da formação de lideranças, do protagonismo e da priorização das pautas das mulheres. O ativismo (ativismo a partir de intervenções artísticas) é, ainda, um dos principais meios de atuação do grupo, que intervém diretamente em espaços urbanos. Além disso, apoiadas pela população, o Ambrosina realizou a campanha “Se essa rua fosse delas”, paralelamente à campanha Rua Legal Maceió<sup>2</sup>, promovida pela Prefeitura. A mobilização se deu essencialmente nas redes sociais, e as ativistas protocolaram na Secretaria um abaixo-assinado com 709 assinaturas e 150 sugestões de nomes femininos para 40 ruas e logradouros da cidade de Maceió. A preocupação surgiu após levantamento realizado pelo Coletivo que revelou que das 3.986 avenidas, ruas e travessas que homenageiam e se referem a pessoas, 86% dessas eram destinadas a homens, 16% à mulheres com títulos de santas ou esposas e 1% a casos indeterminados por gênero.

### 3.2.3 A ocupação feminina e suas temporalidades

Diante dos levantamentos, algumas áreas que inicialmente estavam fora do recorte desta pesquisa se mostraram relevantes como local de atuação das organizações feministas. A exemplo do bairro Centro que, além da importância histórica no processo de formação da cidade de Maceió, se revelou também palco histórico de diversas manifestações feministas, organizadas essencialmente por grupos já consolidados de mulheres ativistas (ver Fig. 04). As dinâmicas desses grupos são marcadas por ações ativistas mais tradicionais, como protestos e panfletagens, a exemplo da ação Lei da Parada Segura<sup>3</sup>.



Figura 04: Grupo de mulheres ativistas no Centro da Cidade. Fonte: (Acervo Marcha Mundial das Mulheres Alagoas, 2018).

<sup>2</sup> A Campanha tinha como objetivo nomear ruas e logradouros da cidade de Maceió que não possuíam nome.

<sup>3</sup> Ocorrida na Rua do Comércio, a distribuição de panfletos visou levar informação à população acerca da lei nº 6.695/2017 que garante às mulheres o direito de descerem do ônibus em local fora do ponto a partir das 20h.

Em contrapartida, recentes articulações via redes sociais têm reunido mulheres, na faixa etária entre 15 e 25 anos, que decidiram superar o medo do assédio na praia e controle de seus corpos ocupando coletivamente esse espaço, com encontros organizados aos fins de semana em Garça Torta, bairro do litoral norte cidade. O grupo, intitulado “Praia Feminina” (ver Fig. 05), aponta novas dinâmicas de comunicação e articulação de mulheres que passam a ocupar a cidade juntas e fazem do Coletivo um ato de resistência ao patriarcado. Outro grupo de jovens mulheres criado via redes sociais é o *Tropikalias Crew*, que realizam eventos como o “Minas do Skate” (ver Fig. 6) e visa promover encontros de jovens mulheres skatistas em espaços públicos, como a Praça do Skate, a Orla Marítima e o jardim público Corredor Vera Arruda, bem como incentivar a prática do esporte, ainda predominantemente masculino, por outras mulheres. Assim, se “a revolução é feminista”<sup>4</sup> como dizem os muros da cidade, as novas feministas hoje têm demonstrado pequenas revoluções no modo de ocupar e de reivindicar o direito ao uso dos espaços públicos sob uma lógica de coletividade e da reivindicação do direito à cidade sem levantar cartazes ou bandeiras literais, mas ocupando espaços com seus corpos-políticos. Essas ações foram percebidas como uma tendência da contemporaneidade: a criação de redes de apoio<sup>5</sup> iniciadas em ambientes virtuais, mas que vão além do próprio ambiente virtual, e se desdobram em mobilizações para a plena ocupação dos espaços livres públicos.



Figuras 05-06: Grupo Praia Feminina na Praia de Garça Torta, Maceió/AL; Coletivo Tropikalias Crew na Av. Álvaro Otacílio, na orla de Maceió/AL. Fontes: (Acervo Praia Feminina, 2018); (Acervo Tropikalias Crew, 2018).

### 3.3. Planejamento: a contribuição de mulheres nos cargos decisórios dos órgãos públicos relacionados à administração e desenho da cidade.

A socióloga holandesa Saskia Sassen em “*Women in the Global City – exploitation and empowerment*” (2000) aponta a crescente atuação das mulheres nas transformações das cidades globais. A autora destaca que a

<sup>4</sup> A frase “A revolução é feminista” foi uma das manifestações feministas encontradas a partir de mapeamento de intervenções artísticas urbanas pelos muros da cidade de Maceió.

<sup>5</sup> Ana Gabriela Noaro do grupo Praia Feminina, em entrevista, conta: “Nós temos agora um grupo no WhatsApp composto por mais ou menos 40 meninas. É um grupo de discussão, um espaço de desabafo das mulheres e discutimos sobre temáticas atuais, problemas pessoais e como promover outras iniciativas” (Pesquisa de Campo, 2019).

maior participação das mulheres como importantes atores para a vida pública, implica em novas possibilidades políticas, que operem políticas de cultura e de identidade, tornando-se um dos espaços mais estratégicos para a formação de identidades e comunidades transnacionais (Sassen, 2000; Santoro, 2008). É caro, portanto, perceber de que forma as mulheres estão atuando nas decisões sobre o território da cidade, pois são as mais afetadas pelas desigualdades socioterritoriais e, frequentemente, ainda são associadas ao âmbito privado e doméstico. É relevante evidenciar que as experiências de cidade e acesso aos espaços decisórios e de poder são expressas no território de forma diferente entre os gêneros. Para compreender a ocupação das mulheres nos espaços decisórios sobre o território de Maceió, entre as 18 secretarias de governo em 2018, foram escolhidas para análise aquelas com influência direta no uso e organização do solo urbano. São elas: i. Secretaria Municipal de Governo (SMG); ii. Secretaria de Gestão (SEMGE); iii. Secretaria de Infraestrutura (SEMINFRA); iv. Secretaria Municipal de Desenvolvimento Sustentável (SEMDS); v. Secretaria de Desenvolvimento Territorial e Meio Ambiente (SEDET). Dessas, foram obtidos os seguintes dados.

A quantificação e respectiva análise da composição por gênero das secretarias se deu por meio das informações disponíveis nos canais de mídia oficiais da Prefeitura. Entre as cinco Secretarias, a investigação indica inequidade de gênero no corpo gestor, o qual é composto por 460 mulheres e 630 homens, ou seja, a parcela feminina no âmbito de decisão sobre o território da cidade é de 42% contra 58% da parcela masculina, conforme Gráfico 1.

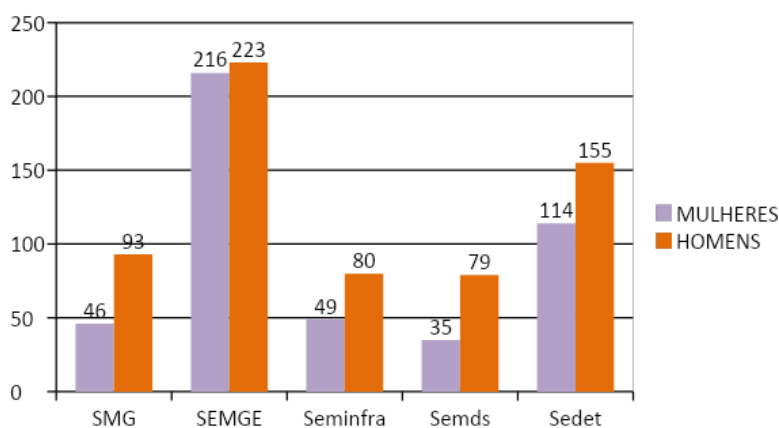


Gráfico 1: Relação por sexo de funcionários da Secretaria do Governo. Fonte: Dados da Pesquisa (2018).

Além do quantitativo, foram observadas as funções e posição hierárquica dos cargos ocupados por mulheres nessas Secretarias. Além da disparidade entre a quantidade de mulheres e homens em números absolutos, constatou-se que os cargos considerados de maior prestígio, aqueles que impactam diretamente no planejamento e desenho urbano de Maceió, tais como Arquiteto(a), Engenheiro(a) e Fiscal de Obras, representam apenas 1%, 4% e 7%, respectivamente, dos cargos mais ocupados pelas mulheres. Além disso, elas estão presentes apenas em duas das cinco Secretarias analisadas: Seminfra e Sedet. Assim, as funções desempenhadas por mulheres nessas Secretarias são: Apoio Administrativo, Serviço Administrativo, Auxiliar/Serviços Gerais, Fiscal de Obras, Coveira, Engenheira Civil/Agrônoma e Arquiteta (Gráfico 2).

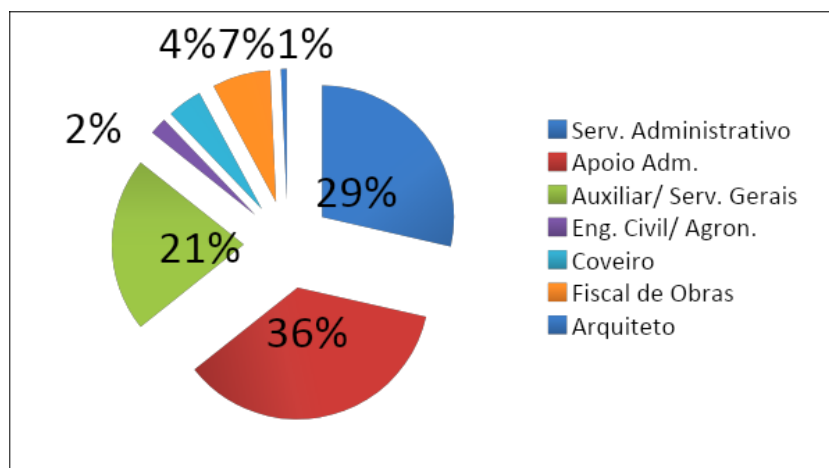


Gráfico 2: Composição por cargo mais citados das Secretarias. Fonte: Elaboração autoral (2018).

#### 4. Considerações Finais

Historicamente, apesar de apartadas dos principais âmbitos de decisão política e, mais ainda, do poder de escolha sobre a vida afetivo-sexual e dos próprios corpos, as mulheres sempre reivindicaram a equidade de gênero e o seu direito à cidade, onde os ônus e bônus da vida urbana deveriam ser usufruídos igualmente entre os gêneros. Analisar como a urbe interage acerca da ocupação dos espaços pelas mulheres é fundamental, compreendendo que na sociedade capitalista, calcada no patriarcado, cabe à mulher o desempenho das atividades de reprodução da força de trabalho (Federici, 2017). Devido a isso, é demanda urgente das mulheres a mobilidade e a acessibilidade, envolvendo o livre transitar, sem cerceamento (Casimiro, 2017). Portanto, a garantia de participação feminina e assento nos espaços decisórios é uma das principais pautas reivindicatórias femininas no Brasil e no mundo, além da superação da desigualdade e segregação econômica. A luta por direitos políticos, direito social ao trabalho digno, direitos fundamentais relacionados à defesa da vida e contra a violência (doméstica e na cidade), direito ao próprio corpo, direitos reprodutivos e sexuais, pautam a reivindicação pela equidade de gênero nos espaços decisórios mirando cidades mais justas e seguras para as mulheres; além da participação ativa no enfrentamento da cultura patriarcal, racista e machista (ibidem).

Ainda que nas duas últimas décadas tenham surgido no Brasil muitos debates acerca do tema, principalmente no direito à cidade e na representatividade nos âmbitos deliberativos sobre o território, a naturalização da invisibilidade das demandas das mulheres, de suas experiências, práticas e interesses, é notória (Tavares, 2015). É, portanto, necessária participação ativa das mulheres em todos os processos de planejamento urbano, para que suas vozes sejam ouvidas e suas necessidades representadas.

Em Maceió, embora as mulheres sejam maioria numérica da população e da mobilidade ativa, a inequidade de gênero na esfera pública é evidente, seja na gestão municipal, seja no usufruto dos equipamentos de lazer mais significativos da cidade. Aquelas que insistem em ocupar a esfera pública igualmente, seguem sofrendo assédios e, por isso, continuam recorrendo à companhia masculina para transitar pela cidade. Felizmente as novas tecnologias tem aproximado e empoderado redes de mulheres cada vez mais jovens e

que, sempre criativas, compreendem a força da coletividade e miram o alcance da equidade de gênero em todos os âmbitos da esfera pública da cidade do século XXI.

## 5. Bibliografia

AKOTIRENE, C. (2018). O que é interseccionalidade. Belo Horizonte: Letramento.

ARAÚJO NETO, J. (2018). Direito das mulheres à moradia adequada. *Revista Arquitetas Invisíveis* (Brasília), 01, 97-100.

CASIMIRO, L. (2017). As mulheres e o Direito à Cidade: um grande desafio no século XXI. Instituto Brasileiro de Direito Urbanístico – IBDU. *Direito à Cidade: uma visão por gênero* (São Paulo), 7-12.

CALIÓ, S.A. (1997). Incorporando a Questão de Gênero nos Estudos e no Planejamento Urbano. 6º Encontro de Geógrafos de América Latina (Buenos Aires), 1-9.

FEDERICI, S. (2004). *Calibã e a Bruxa: mulher, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Elefante.

RODRIGUES, C. F. (2017). A MULHER NO ESPAÇO PÚBLICO – Uma Reflexão Acerca do Processo de Urbanização Contemporâneo e da (Não) Participação das Mulheres na Produção do Espaço. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Florianópolis), 1-12.

OLIVEIRA, M. C.; VIEIRA, J. M.; MARCONDES, G. S. (2015). Cinquenta anos de relações de gênero e geração no Brasil: mudanças e permanências. In: ARRETICHE, M.(org.). *Trajetórias das Desigualdades: Como o Brasil mudou nos últimos cinquenta anos*. São Paulo: Editora Unesp, 309-335.

SARAIVA, A. Gênero e Planejamento Urbano: trajetória recente da literatura sobre essa temática. XVII Enanpur. São Paulo, 2017.

LIMA, A. C. F. Estudo Configuracional dos Assassinatos cometidos contra mulheres na cidade de Maceió, Alagoas. Dissertação (mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Sociais. Maceió, 2018.

IBGE. Censo Demográfico 2010 – Características Gerais da População. Resultados da Amostra. 2010. Disponível em Acesso em 11 julho 2018.

IBGE. Censo Demográfico 2010 – Unidades Territoriais do Nível Bairro. Resultados da Amostra. 2010. Disponível em Acesso em 13 julho 2018.

QUEIROGA, E. et al. Notas gerais sobre os sistemas de espaços livres da cidade brasileira. *Sistemas de espaços livres: conceitos, conflitos e paisagens*. São Paulo: FAUUSP, 11-20.

TAVARES, R. B. (2011). *Indiferença à Diferença: espaços urbanos de resistência na perspectiva das desigualdades de gênero*. Tese (doutorado). PROURB – Programa de Pós-Graduação em Urbanismo. Rio de Janeiro: UFRJ/FAU, 2015

### *Fontes Eletrônicas:*

SASSEN, S. *Women in the Global City – exploitation and empowerment*. Disponível em: <[http://www.lolapress.org/elec1/artenglish/sass\\_e.htm](http://www.lolapress.org/elec1/artenglish/sass_e.htm)>. Acesso em: 23/12/2017.